

Artes Visuais

AUDREY FURLANETO

Partilha e conflito

Sem impor temática, exposição 'Travessias', no Complexo da Maré, apresenta a arte como espaço de trocas e não esconde as tensões desse processo

DIVULGAÇÃO/PEPÉ SCHEITINO



Sem imposições. A obra "Américas", acrílica sobre tela de Arjan Martins, em cartaz no Galpão Bela Maré: exposição reúne trabalhos em suportes variados

Artes

Crítica

"Travessias"

Galpão Bela Maré

MARISA FLÓRIDO

segundocaderno@oglobo.com.br

“**T**ravessias”, no galpão Bela Maré, realização do Observatório de Favelas e da Automatica, ganha sua segunda edição com curadoria de Felipe Scovino e Raul Mourão. A meta é clara e deve ser saudada: descentralizar o circuito de arte, com mostras, oficinas e debates; “incorporar a Maré e seus moradores no mapa das artes visuais, tornar a arte uma poderosa ponte entre partes”, constituindo “territórios mais democráticos”.

Interrogações emergem: como a arte pode contribuir para a construção de uma cidade inclusiva, que franqueie as fronteiras entre territórios físicos, socioculturais, econômicos e simbólicos? Que retire a própria arte de seu confinamento de cristal? E que lugar a arte pode ocupar nas guerras intestinas de uma cidade que, se é o espaço da vida em comum, é também a arena de conflitos brutais? É evidente que não sem tensões.

Pois é preciso entrar em seu território sem arrogância e vencer a desconfiança de uma população que vive entre o jogo do tráfico e a truculência policial, mas que é capaz de resistir às submissões: tanto em iniciativas como o Observatório,



rio, como na criatividade do dia a dia, que gera modos diversos de sociabilidade e novas formas de arte, que reinventa a cidade e a arquitetura de maneira inusitada. Basta um exemplo: o terraço-jardim asséptico de Le Corbusier transformou-se, nas favelas cariocas, na “laje”, solo criado de encontros e manifestações culturais, do samba ao passinho.

A exposição tem o mérito de não impor temática, exibindo diferentes suportes: a pintura de Carlos Vergara, Daniel Senise e Arjan Martins; a escultura de Ernesto Neto, os desenhos de Cadu; as colagens de Vik

Muniz e Marcelo Silveira; os vídeos de Lucas Bambozzi, a fotografia de Luiza Baldan e Rato Diniz, este formado pelo Observatório e que documenta as favelas, como diz, “a partir da ótica do próprio morador”.

Dois obras explicitam tais tensões. Ao entrarmos no galpão, nos deparamos com uma “Parede com 5 buracos”. Nos quatro primeiros, vemos a perspectiva virtual de salas de museus famosos, como o D’Orsay. No quinto, avistamos o espaço do próprio galpão que está atrás daquele muro. A obra, de Senise, nos coloca diante das promessas e desi-

Olhar de dentro

Obra sem título, de Rato Diniz, fotógrafo formado pelo Observatório de Favelas que documenta a comunidade sob a ótica do próprio morador

lhosões do projeto da modernidade artística: a constituição de uma comunidade universal, estética, que pressupunha uma igualdade na produção e recepção da obra — não que todos tenham a mesma percepção, mas que qualquer um pode experimentar os sentimentos e dissentimentos de flagrados por uma obra. Ao colocar os museus e a Bela Maré lado a lado, em equivalência, Senise evidencia que o acesso irrestrito à arte das promessas modernas tornou-se privilégio de poucos, mas que, ainda assim, devemos postulá-lo.

Arte é partilha. Mas tal partilha nunca é dada de modo apaziguado, é antes o complexo aprendizado das vizinhanças (como diria Mondzain), em que se trama a frágil ligação das diferenças, das sensibilidades e lógicas heterogêneas. O comum surge, como diria Rancière, de uma diferença reivindicada no interior de uma “figura de comunidade”, uma subjetivação imprópria que a redesenha, deslocando as existências dos lugares, tempos e funções nos quais estavam confinadas, estilizando-os dos códigos de inclusão.

Nas faixas colocadas na passarela da avenida Brasil, Marcos Chaves faz um jogo de palavras com o Complexo da Maré: “amarésimples” e “amaré-complexo”. Entre laço e cisão, partilha e conflito, há sempre acolhida e violência em qualquer relação com outro, mediada ou não pela arte. Uma ponte/passarela que, como indica o ótimo comute, é tanto hostil como hospitaleira. Ainda assim necessária. ●